

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

Julia Quinn



UM
CAVALHEIRO

A BORDO

3

OS ROKESBYS

ARQUEIRO

Para Emily.

*Quando eu digo que não teria conseguido sem você,
estou falando literalmente.*

*E também para Paul. Só me diz aqui outra vez:
para que lado sopra o vento?*

CAPÍTULO 1

Início do verão de 1786

Para uma jovem que crescera em uma ilha – mais precisamente, em Somerset –, Poppy Bridgerton havia passado muito pouco tempo no litoral.

Não que não fosse habituada à água. Perto da propriedade de sua família havia um lago, e os pais de Poppy haviam insistido para que todos os filhos aprendessem a nadar. Não – talvez seja mais preciso dizer que tinham insistido para que todos os filhos *homens* aprendessem a nadar. Poppy, a única mulher entre os irmãos, considerou ultrajante o fato de que seria a única Bridgerton a morrer em caso de naufrágio, e foi isso o que disse aos pais – exatamente com estas palavras – antes de marchar para junto dos rapazes e se atirar de cabeça no lago.

Acabou aprendendo mais rápido do que três dos quatro irmãos (compará-la ao mais velho seria injusto, porque é claro que ele pegaria o jeito com mais facilidade) e logo se tornou, em sua opinião, a melhor nadadora da família. O fato de ter alcançado esse feito menos por aptidão natural e mais por birra era irrelevante. Saber nadar era importante. Ela teria aprendido de uma forma ou de outra, mesmo que os pais não tivessem mandado que esperasse sentada na grama.

Muito provavelmente.

Naquele dia, contudo, não seria possível nadar. Afinal, estava diante do oceano (ou melhor, do canal), e a água gélida e cruel era muito diferente do lago plácido que havia perto de casa. Poppy podia gostar de ser do contra, mas burra ela não era. E estava sozinha, ainda por cima, portanto não tinha que provar nada a ninguém.

Além disso, estava se divertindo bastante explorando a praia. Os pés afundando na areia fofa, a maresia pungente – tudo era muito exótico para ela, como se tivesse ido parar de repente na África.

Bem, talvez nem tanto, pensou, enquanto comia seu queijo inglês bem familiar, parte do lanche que trouxera para o passeio. Ainda assim, era um ambiente novo, uma grande mudança de cenário, e isso tinha que valer de alguma coisa.

Ainda mais naquele momento, considerando que todo o resto de sua vida continuava igual ao que sempre fora.

Era quase julho, e a segunda temporada social de Poppy em Londres – cortesia de sua tia aristocrata, Lady Bridgerton – tinha terminado havia pouco. Ao fim, Poppy se sentia da mesma forma como começara: sem marido e sem compromisso.

E um tanto entediada.

Ela poderia muito bem ter continuado em Londres durante os últimos suspiros da agitação social, torcendo para encontrar alguém que ainda não havia conhecido (improvável); também poderia ter aceitado o convite da tia para ir para o campo, em Kent, na esperança de acabar gostando de algum dos cavalheiros solteiros que por acaso fossem convidados para jantar (ainda mais improvável). Mas é claro que, para tudo isso, teria que ter trincado os dentes e segurado a língua quando tia Alexandra havia perguntado qual era o problema com a última seleção de pretendentes (o mais improvável de tudo). Os candidatos de Poppy tinham sido um mais chato que o outro, mas graças a Deus ela fora salva por Elizabeth, sua querida amiga de infância que tinha se mudado para Charmouth vários anos antes com o marido, o gentil e intelectual George Armitage.

George, contudo, tinha sido convocado a Northumberland para um assunto urgente de família cujos detalhes Poppy desconhecia, deixando Elizabeth sozinha em sua casa no litoral, no sexto mês de gestação. Entediada e confinada, ela convidou Poppy para estender sua visita, e Poppy aceitou com gosto. Para as duas amigas, seria como reviver os velhos tempos.

Poppy pôs mais um pedacinho de queijo na boca. Bem, exceto pela barrega imensa de Elizabeth. Aquilo sim era uma novidade.

E uma novidade que significava que Elizabeth não podia acompanhá-la em suas caminhadas pelo litoral, mas tudo bem. Poppy sabia que sua reputação nunca incluía a palavra “tímida”, mas, apesar de sua natureza extrovertida, gostava muito de ficar sozinha. E depois de meses e meses sendo obrigada a suportar toda aquela conversa fiada em Londres, ela estava mais do que feliz em arejar a mente com a brisa salgada do mar.

Fazia uma rota diferente todos os dias, e foi enorme sua empolgação quando descobriu uma pequena rede de cavernas no meio do caminho entre Charmouth e Lyme Regis, bem escondidas na altura onde a espuma

das ondas varria a costa. A maior parte das cavernas ficava inundada na maré enchente, mas, depois de examinar a paisagem, Poppy estava convencida de que algumas permaneciam secas, e estava determinada a descobrir quais.

Só pelo desafio, é claro. Não por qualquer necessidade básica de encontrar uma caverna permanentemente seca em Charmouth, Dorset, Inglaterra.

Grã-Bretanha, Europa, planeta Terra.

Era melhor se contentar com todo e qualquer desafio que conseguisse encontrar, dado que ela estava de fato em Charmouth, Dorset, Inglaterra, ou seja, um pedacinho esquecido do mundo.

Depois de terminar de comer, ela franziu os olhos ao observar as rochas. O sol estava às suas costas, mas o dia estava tão claro que era uma pena não ter uma sombrinha – ou pelo menos a sombra de uma árvore frondosa. Fazia um calor agradável, mas ela tinha deixado o redingote em casa. Até o fichu, que protegia sua pele do sol, estava começando a pinicar seu colo.

Contudo, não iria desistir ainda. Nunca chegara tão longe e, na verdade, só conseguira alcançar aquele ponto depois de convencer a aia rechonchuda de Elizabeth, que viera como sua acompanhante, a esperar por ela na cidade.

– É como se a senhorita fosse tirar uma tarde de folga – dissera Poppy, com um sorriso convincente.

– Não sei, não. – Mary tinha uma expressão duvidosa. – A Sra. Armitage deixou muito claro que...

– A Sra. Armitage não tem estado com a cabeça muito boa desde o início da gravidez – interrompeu Poppy, mandando um pedido silencioso de desculpas para Elizabeth. – Dizem que isso acontece com todas as mulheres – acrescentou ela, tentando desviar a atenção da aia da questão sensível naquele momento, que era o fato de que Poppy estava tentando sair sem acompanhante.

– Bom, de fato, isso é verdade – concordou Mary, inclinando a cabeça para o lado. – Quando a esposa do meu irmão teve os meninos, não saía de sua boca uma única palavra que fizesse sentido.

– Exatamente! – exclamou Poppy. – Elizabeth sabe muito bem que eu consigo cuidar de mim mesma. Afinal, não sou nenhuma florzinha. Um bibelô de porcelana, como dizem.

Enquanto Mary confirmava efusiva e longamente que ela não era nada disso, Poppy acrescentou:

– Vou só dar uma caminhadinha tranquila pela orla. Você sabe disso, ontem você veio comigo.

– E antes de ontem também – disse Mary, dando um suspiro, nada interessada em mais uma tarde de esforço físico.

– E também antes de antes de ontem – observou Poppy. – Na verdade, a semana inteira, não?

Mary assentiu com amargura.

Poppy não sorriu. Era esperta demais para isso.

Contudo, estava claro que o sucesso estava muito próximo.

Literalmente, ao virar a esquina.

– Aqui – disse ela, guiando a aia para uma aconchegante casa de chá –, por que não se senta aqui e descansa um pouco? Deus sabe que é merecido. Eu tenho exigido muito da senhorita, não é?

– Que nada, Srta. Bridgerton, a senhorita tem sido muito gentil comigo – Mary apressou-se em dizer.

– Gentil, mas exaustiva também – disse Poppy, dando palmadinhas na mão dela enquanto abria a porta da casa de chá. – A senhorita trabalha tanto! Merece ter um tempo para si mesma.

Assim, depois de deixar pagos um bule de chá e uma travessa de biscoitos, ela conseguira escapar (com dois dos biscoitos no bolso), e estava, naquele instante, muito feliz e serena caminhando sozinha.

Se ao menos se fizessem sapatos femininos apropriados para uma caminhada entre as pedras... As botinhas que ela estava usando eram o calçado mais prático disponível para mulheres, mas, em resistência, não se comparava àqueles que seus irmãos usavam. Ela estava tomando todo o cuidado possível para não pisar em um ponto ruim e acabar torcendo o tornozelo. Aquela parte da praia não era muito frequentada, de modo que, se ela se machucasse, só Deus sabia quanto tempo poderia levar até que alguém a encontrasse.

Poppy assobiava, deleitando-se com a chance de se entregar a um comportamento tão grosseiro (sua mãe ficaria horrorizada!). Foi então que decidiu aumentar ainda mais a transgressão e começou a cantarolar uma musiquinha com uma letra nada apropriada aos ouvidos femininos.

– Oh, a criada foi até o o-ce-a-no – cantou alegremente –, querendo arrumar um... O que é isso?

Ela se deteve, olhando a formação peculiar de rochas à sua direita. Uma caverna. Só podia ser. E ficava longe o suficiente da água para não ser inundada na maré cheia.

– Meu esconderijo secreto, marujos! – disse ela, rindo sozinha.

A caverna parecia um lugar perfeito para um pirata: fora da trilha, sua abertura ficava obscurecida por três grandes rochedos. De fato, era de se admirar que ela a tivesse encontrado.

Poppy se espremeu para passar em meio às pedras, percebendo que um dos rochedos não era tão grande quanto ela havia imaginado, e então seguiu para a entrada da caverna. “Eu deveria ter trazido uma lamparina”, pensou, enquanto esperava os olhos se acostumarem à escuridão, mas Elizabeth teria ficado bastante intrigada com a necessidade do apetrecho. Seria difícil explicar por que Poppy precisaria de uma lamparina para caminhar na praia em plena luz do dia.

Poppy entrou devagarinho na caverna, arrastando os pés com cuidado, Tateando o chão em busca de buracos que a escuridão ocultasse. Embora não fosse possível afirmar com certeza, a caverna parecia ser profunda, estendendo-se bem além do feixe de luz da entrada. Encorajada pela empolgação da novidade, Poppy foi avançando pelas laterais até o fundo... lenta... bem lentamente... até que...

– Ai! – gemeu ela, retraindo-se quando bateu a mão em uma ponta dura de madeira. – Ai – repetiu, esfregando o machucado com a outra mão. – Ai ai ai. Isso foi...

A voz dela morreu. O objeto em que batera não podia ser uma protuberância natural da caverna. Na verdade, parecia mais a quina de um caixote grosseiro de madeira.

Hesitante, ela Tateou no mesmo lugar até tocar – dessa vez, com mais delicadeza – uma placa de madeira lisa. Sem dúvida, era um caixote.

Poppy não conseguiu conter uma risadinha eufórica. O que tinha encontrado? O tesouro de um pirata? O butim de um contrabandista? A caverna parecia abandonada, o ar pesado recendia a bolor, de modo que, o que quer que fosse aquilo, devia estar naquele lugar havia muito tempo.

– Prepare-se para o tesouro. – Ela riu sozinha na escuridão.

Ela logo reparou que a caixa era pesada demais para levantar, então correu os dedos pelas bordas, tentando determinar como abri-la. Maldição, estava fechada com pregos. Teria que voltar outra hora, embora não fizesse

ideia de como conseguiria justificar a necessidade de sair de casa com uma lamparina e um pé de cabra.

Se bem que...

Ela inclinou a cabeça para o lado. Se na entrada já havia um caixote – na verdade, eram dois, empilhados –, quem sabe o que poderia haver mais para o fundo?

Ela avançou escuridão adentro, braços estendidos à frente. E nada. Nada ainda... nada...

– Cuidado aí!

Poppy congelou.

– O capitão vai arrancar o seu couro se você deixar isso cair.

Poppy prendeu a respiração, e seu corpo foi tomado pelo alívio ao constatar que a voz rouca de homem não se dirigia a ela.

Alívio que deu lugar instantaneamente ao pavor. Bem lentamente, ela recolheu os braços, abraçando o próprio corpo com força.

Não estava sozinha.

Com movimentos excruciantemente cuidadosos, ela se escondeu atrás das caixas o máximo que conseguiu. Estava bem escuro, não estava fazendo barulho algum e quem quer que estivesse na caverna não conseguiria vê-la, a não ser que...

– Dá pra acender a porcaria da lamparina?

A não ser que tivesse uma lamparina.

Uma chama se acendeu, iluminando os fundos da caverna. Poppy franziu a testa. Os homens tinham surgido atrás dela? Sendo assim, por onde haviam entrado? Para onde ia a caverna?

– Não temos muito tempo – disse um dos homens. – Vamos logo com isso, me ajuda a encontrar o que a gente precisa.

– Mas e o resto?

– O resto vai ficar bem guardadinho aqui até a gente voltar. Além do mais, é a última vez.

O outro homem riu.

– Isso se você acredita no que o capitão diz.

– Dessa vez ele está falando sério.

– Ele nunca vai parar.

– Bom, mesmo que ele não pare, eu vou. – Poppy ouviu um grunhido de cansaço, seguido de: – Estou ficando velho demais pra isso.

– Você puxou o pedregulho lá pra frente da entrada? – perguntou o primeiro homem, bufando ao pôr algo no chão.

Então fora por isso que ela tivera que se espremer para entrar. Poppy deveria ter se perguntado como uma caixa tão grande tinha passado por uma fenda tão estreita.

– Ontem – veio a resposta. – Com o Billy.

– Aquele franguinho?

– Humpf. Acho que ele deve estar com uns 13 anos agora.

– É mesmo?

Deus do céu, pensou Poppy. Estava presa em uma caverna com contrabandistas – podiam até ser piratas! –, e eles pareciam duas velhinhas tricoteiras.

– Do que mais a gente precisa? – perguntou a voz mais grave.

– O capitão falou que não vai zarpar sem um caixote de conhaque.

Poppy ficou lívida. Um *caixote*?

O outro riu.

– Pra vender ou pra beber?

– As duas coisas, eu acho.

Outra risadinha.

– Então eu acho bom que ele saiba dividir.

Poppy olhou ao redor, desesperada. Apesar de fraca, a pouca luz da lâmparina iluminava o suficiente para que ela distinguisse contornos à sua volta. Onde diabo poderia se esconder? Na parede havia uma pequena reentrância contra a qual ela poderia se espremer, mas os homens teriam que ser cegos para não vê-la. Ainda assim, era melhor do que seu esconderijo atual. Poppy se esgueirou para trás, encolhendo-se o máximo que conseguia na fenda, agradecendo aos céus por ter desistido de usar o vestido amarelo-vivo ao sair de casa naquela manhã e rezando com sinceridade pela primeira vez em meses.

“Por favor por favor por favor.

Prometo que vou ser uma pessoa melhor.

Vou escutar a minha mãe.

Vou até prestar atenção na missa.

Por favor por favor...”

– Jesus Cristo!

Devagarinho, Poppy ergueu o rosto para o homem que estava de pé ao lado dela.

– É, parece que fui renegada – murmurou ela.

– Quem é você? – exigiu saber o homem, quase enfiando a lamparina na cara dela.

– Quem é *você*? – devolveu Poppy, antes de se dar conta da imprudência daquela resposta.

– Green! – berrou o homem, e Poppy apenas piscou, atônita. – Green!

– O que foi? – resmungou o outro, que aparentemente se chamava Green.

– Tem uma garota aqui.

– O *quê*?

– Uma garota. Tem uma garota aqui.

Green veio correndo.

– Quem diabo é essa aí? – disse ele.

– Não sei – disse o outro, impaciente. – Ela não falou.

Green se agachou, chegando o rosto maltratado a centímetros do de Poppy.

– Quem é você?

Poppy não disse nada.

Ela não era muito boa em segurar a língua, mas se havia uma hora prudente para aprender, a hora era aquela.

– Quem é você? – repetiu ele, grunhindo cada palavra.

– Ninguém – respondeu Poppy, enfim, encontrando certa coragem ao perceber que ele parecia mais cansado do que irritado. – Eu só estava dando uma caminhada. Não vou incomodar os senhores. Posso ir embora e pronto. Ninguém vai saber...

– Eu vou saber – disse Green.

– E eu também – falou o outro, coçando a cabeça.

– Eu não vou dizer nada a ninguém – prometeu Poppy. – Nem sei o que...

– Droga! – exclamou Green. – Droga droga droga droga droga.

Poppy olhou de um para o outro freneticamente, tentando se decidir se estender aquela conversa poderia ajudar ou atrapalhar. Não dava para saber a idade deles, porque ambos possuíam aquele aspecto maltratado, a pele curtida de quem passa muito tempo exposto ao sol e ao vento. Usavam roupas surradas de trabalho, camisa simples e calça enfiada por dentro daquelas botas de cano alto que os homens preferiam vestir quando sabiam que iam molhar os pés.

– Droga! – exclamou Green outra vez. – Só me faltava essa hoje.

– O que a gente faz com ela? – perguntou o outro homem.

– Sei lá. A gente não pode deixar essa garota aqui.

Os dois ficaram em silêncio, encarando-a como se ela fosse o fardo mais pesado do mundo, só esperando para castigar os ombros deles.

– O capitão vai matar a gente – falou Green por fim, com um suspiro.

– Não foi culpa nossa.

– Acho que é melhor perguntar ao capitão o que fazer com ela – falou Green.

– Eu não sei onde ele está – respondeu o outro. – Você sabe?

Green balançou a cabeça.

– Ele não está no navio? – sugeriu ele.

– Não. Ele disse que ia encontrar a gente no navio uma hora antes de zarpar. Tinha alguma coisa para resolver.

– Droga.

Poppy nunca tinha ouvido tanto “droga” de uma vez só, mas sabia que não seria prudente fazer essa observação em voz alta.

Green suspirou e fechou os olhos, com uma expressão atormentada.

– Não tem outro jeito – falou. – Vamos ter que levar ela com a gente.

– O quê? – falou o outro homem.

– *O quê?* – guinchou Poppy.

– Deus do céu – resmungou Green, esfregando os ouvidos. – Esse guincho saiu de você, garota? – Ele soltou um suspiro longo e sofrido. – Estou velho demais pra isso.

– Não podemos levar ela com a gente! – protestou o outro homem.

– É melhor dar ouvidos ao seu amigo – disse Poppy. – Ele é obviamente um homem inteligente.

O sujeito endireitou as costas, todo prosa.

– Brown. Meu nome é Brown – disse ele, assentindo para ela com toda educação.

– Hã... encantada – disse Poppy, perguntando-se se deveria estender a mão para um cumprimento.

– Você acha que eu *quero* levar ela? – disse Green. – Mulher no navio dá azar, ainda mais essa daí.

Poppy chegou a dar um arquejo de indignação.

– Ora essa!

Ao mesmo tempo, Brown disse:

– Qual é o problema dessa? Ela disse que eu era inteligente.
– O que só indica que *ela* não é. Além disso, ela fala.
– Você também, ora – replicou Poppy.
– Viu só? – disse Green.
– Ela não é tão ruim assim – disse Brown.
– Você acabou de dizer que não queria levar ela pro navio!
– E não quero mesmo, mas..
– Não tem nada pior que mulher tagarela – resmungou Green.
– Existem muitas coisas piores – argumentou Poppy –, e se o senhor não sabe disso por experiência própria, pode se considerar um homem de sorte.

Por um instante, Green olhou para ela. Nada além disso. Então grunhiu.

– O capitão vai matar a gente.
– Se os senhores não me levarem, nada disso vai acontecer – Poppy apressou-se em dizer. – Ele nunca saberia.

– Ah, mas saberia, sim – sentenciou Green, sombrio. – Ele sempre sabe.

Poppy mordeu o lábio, analisando as possibilidades. Duvidava ser capaz de correr mais rápido do que eles e, para piorar, Green estava bloqueando o caminho para a saída. Pensou em chorar, na esperança de que suas lágrimas comovessem o lado mais sensível deles, mas não sabia se eles sequer *tinham* um lado sensível.

Olhou para Green e abriu um sorriso hesitante, para ver o que acontecia. Ele simplesmente ignorou e voltou a falar com o amigo.

– Que horas... – Mas parou, pois Brown tinha desaparecido. – Brown! – gritou ele. – Cadê você, diabo?

A cabeça de Brown surgiu atrás de uma pilha de baús.

– Calma, só vim pegar uma corda.

Corda? Poppy ficou com a garganta seca.

– Ah, sim – grunhiu Green.

– Você não quer me amarrar – disse Poppy, encontrando um jeito de falar a despeito da garganta seca.

– Não quero mesmo não – disse ele –, mas é o que eu tenho que fazer, então vamos facilitar pra nós dois, que tal?

– Você não pode estar achando que eu vou deixar que me amarre sem oferecer resistência.

– Estava torcendo pra isso, sim.

– Bom, torça o quanto quiser, porque eu...

– Brown! – gritou Green, com ferocidade tamanha que Poppy até calou a boca.

– Achei a corda! – respondeu Brown. – Ótimo. Agora pega o resto das coisas.

– Que resto das coisas? – perguntou Brown.

– É – acrescentou Poppy, nervosa –, que resto das coisas?

– O resto das coisas – disse Green, sem paciência. – Você sabe do que eu estou falando. E um pano.

– Ah. O resto das coisas – disse Brown. – Entendi.

– Que resto das coisas? – exigiu saber Poppy.

– Você não vai querer saber – respondeu Green.

– Posso lhe garantir que vou querer saber, sim – afirmou Poppy, bem no instante em que começava a mudar de ideia e achar que não queria, não.

– Você disse que ia oferecer resistência – explicou ele.

– Sim, mas o que isso tem a ver com...

– Lembra que eu falei que estou velho demais pra isso? – Ela assentiu. – Bem, “isso” inclui resistência.

Brown reapareceu, trazendo uma garrafa verde que parecia remédio.

– Toma – disse ele, entregando-a a Green.

– Não que eu não seja capaz de dar conta de você – explicou, abrindo a rolha. – Mas a troco de quê? Para que tornar as coisas mais difíceis do que já são?

Poppy não soube o que responder. Estava com os olhos grudados na garrafa.

– Os senhores vão me forçar a beber isso? – sussurrou ela; o cheiro que saía da garrafa era horrível.

Green balançou a cabeça.

– Tem um pano aí? – perguntou ele a Brown.

– Não, desculpa.

Green soltou mais um grunhido exaurido, olhando para o fichu de linho que cobria o corpete do vestido dela.

– Vamos ter que usar o seu lenço – disse ele a Poppy. – Fica parada.

– O que você está fazendo? – gritou ela, recuando com um solavanco enquanto ele puxava o fichu.

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

OS BRIDGERTONS

O duque e eu
O visconde que me amava
Um perfeito cavalheiro
Os segredos de Colin Bridgerton
Para Sir Phillip, com amor
O conde enfeitado
Um beijo inesquecível
A caminho do altar
E viveram felizes para sempre

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso
Uma noite como esta
A soma de todos os beijos
Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira
Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua
Mais forte que o sol

OS ROKESBYS

Uma dama fora dos padrões
Um marido de faz de conta
Um cavalheiro a bordo

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

